



A CULTURA POPULAR

Em meados de Abril passado, o Cônsul Geral de Portugal no Brasil distinguiu-nos com importante comunicação, cujo contexto irradia um apelo fundamentado ao sector nacional electrotécnico.

Porque o nosso ilustre correspondente entende que **«a presença de Portugal e dos portugueses no Brasil tem sido sempre fomentada com base na divulgação dos aspectos rural e artesanal e, portanto, com incidência sobre os sectores mais rudimentares e pobres da cultura e da economia nacional»**, admite a hipótese de haver disponíveis **«cartazes sobre barragens e outros empreendimentos semelhantes que reproduzissem as fotografias que, por exemplo, figuram na capa do boletim n.º 166/67 de Agosto-Setembro»** e pede que lhe mandem algumas dezenas desses cartazes para distribuição e exposição nos meios adequados sediados no Brasil.

Faltam-nos, infelizmente, qualidade e meios operantes para apoiar concretamente a orientação definida no apelo do nosso Cônsul Geral no Brasil.

Cabe, porém, aos organismos representativos da indústria da energia eléctrica (EDP à cabeça), às associações industriais, às universidades e a outras entidades que caracterizam o sector nacional, responder eficazmente aos propósitos da nossa representação diplomática, no rumo descrito. Tem de ser apoiado o Ministério dos Negócios Estrangeiros na divulgação da cultura técnica e realizadora de Portugal, através de bibliografia adequada, sem esquecer os tais cartazes reveladores da realidade portuguesa.

Damos um exemplo elucidativo. Os visitantes do Ministério da Indústria, Energia e Exportação podem sentir-se favoravelmente impressionados com alguns quadros que ornamentam as paredes da sede, nos quais se atesta com verdade a evolução tecnológica do País.

Não é de entender-se a razão por que, no Rio de Janeiro e noutros lugares do Mundo, os portugueses de lá tenham de ser sensibilizados para aspectos totalmente diferentes, numa óptica **«mini-progressiva»** (íamos dizendo: **regressiva**) do galo de Barcelos e da vanglória do que é pequeno e pobre!

Aceitamos, sem contrapor outras ideias, o pensamento, que temos ouvido e se tem generalizado, de que a «Cultura é do povo e não para o povo».

Impõe-se, todavia, fixar, com rigor, o que se entende por cultura popular e também, definir, com similar cuidado, quem é, neste País, o povo.

Em nosso conceito, a cultura popular não é apenas o que parece singelo, pitoresco ou medieval. É também (imensamente) o que resulta da acção colectiva na ciência, na tecnologia e nas virtudes criadoras de meios e melhores qualidades de vida. E com que esforço, valores pessoais, habilidade e balanceamento culturais!

Assentemos, pois, que cultura popular é do povo. Mas povo português somos todos os que operam e produzem no rumo que escolheram e motivou a sua missão social: trabalhando aqui, ou em qualquer parte do mundo.

Todo o povo caracteriza o seu País, através das grandes barragens que projecta e constrói, da investigação cultural das suas universidades, das realizações da sua engenharia e da sua arquitectura e da qualidade de vida que, civilizadamente, modela. Toda esta acção popular pode escassear de tradição ancestral mas é insofismavelmente a cultura do povo que somos.

Não se pode negar, todavia, que também são povo os bons e poucos portugueses que se ficaram por infantilidades aldeãs, posto que sejam adultos valerosos, de mãos com habilidades de prodígio.

Ninguém contesta que deles provém, também, um certo sentido, poético e singelo da cultura nacional. Mas a cultura popular portuguesa, como a entendemos, ultrapassa muito o âmbito da poesia e da simplicidade pitoresca.

Temos de espalhar pelo Mundo por devoção patriótica uma imagem real do povo português. A cultura popular não é para o povo, mas do povo. Aceitemos o conceito com algum entusiasmo e apoiemos o seu desenvolvimento, em plena sintonia com este complicado findar do século em que vivemos.

F. do A.